

Guerra em Gaza

Irlanda, Noruega e Espanha reconhecem Estado palestino

Israel reage e convoca seus embaixadores nos três países; Netanyahu afirma que decisão "é um prêmio ao terrorismo"

MADRI

Noruega, Irlanda e Espanha decidiram ontem que reconhecerão um Estado palestino independente no dia 28. Embora simbólico, o gesto é visto como um puxão de orelhas em Israel e reflete a impaciência internacional com a guerra na Faixa de Gaza, com décadas de ocupação dos territórios palestinos e com a falta de vontade política do governo israelense para negociar um acordo de paz.

Com a decisão, 146 dos 193 membros da ONU já reconhecem o Estado palestino, inclusive o Brasil – por decisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no último ano de seu segundo mandato, em 2010. Entre os que se recusam estão EUA, Canadá, Japão, Austrália e Nova Zelândia, além das principais potências da Europa, co-

mo Reino Unido, França e Alemanha.

Noruega, Espanha e Irlanda justificaram a decisão como um incentivo para destravar as negociações diplomáticas e abrir as portas para que outros países europeus sigam o exemplo. O efeito em cascata tem raiz histórica. Quando o Brasil reconheceu a Palestina, em dezembro de 2010, 15 países da América Latina repetiram o gesto nos 12 meses seguintes, entre eles Argentina, Chile, Equador, Bolívia e Peru.

REAÇÕES. A decisão, no entanto, dividiu opiniões. Israel reagiu com fúria, convocando seus embaixadores nos três países, como forma de demonstrar sua insatisfação. O primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, disse que o reconhecimento era "um prêmio para o terrorismo". O ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, um radical de direita, defendeu a suspensão do repasse de impostos para a Autoridade Palestina, que administra partes da Cisjordânia.

A Casa Branca correu para prestar apoio a Israel e rejei-



Sánchez é aplaudido no Parlamento em Madri após anunciar o reconhecimento do Estado palestino

tou o reconhecimento de um Estado palestino. A porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, Adrienne Watson, defendeu a criação de um Estado palestino apenas por meio de negociações diretas – e não de maneira unilateral. Jake Sullivan, conselheiro do presidente, Joe Biden, afirmou que os EUA estão preocupados com o isolamento de Israel.

DESGASTE. Os anúncios de ontem refletem uma opinião que vem ganhando tração em muitas capitais, de que a soberania palestina não pode esperar por um acordo de paz permanente com Israel, cujo governo não é sustentado por uma coalizão que inclui extremistas que se opõem a um compromisso. "Os palestinos têm o direito fundamental de ter um Estado independente", disse Jonas Gahr Store, premiê da No-

ruega, ao anunciar a decisão. Pedro Sánchez, primeiro-ministro espanhol, alegou que foi forçado a agir porque Netanyahu não tem um plano de paz. "A solução de dois Estados está em risco", afirmou. O líder irlandês, Simon Harris, lembrou a luta de seu país pela independência. "O reconhecimento é um ato de poderoso valor político e simbólico", disse.

A cientista política israelense Maya Sion-Tzidkiyahu, especialista em relações com a Europa, disse que os anúncios refletem a erosão do apoio global que Israel recebeu imediatamente após os ataques de 7 de outubro, quando o Hamas matou 1,2 mil pessoas e sequestrou outras 240. "Isso prova mais uma vez para nós, israelenses, até que ponto estamos cada vez mais isolados", afirmou. ● NYT, WP, AP e AFP

Para lembrar

As consequências do reconhecimento

● **Impacto limitado**

O reconhecimento abre caminho para o estabelecimento de relações diplomáticas e consolida as fronteiras da Palestina de antes de 1967, oficializando a presença de colonos israelenses como ocupação ilegal.

● **Pressão**

Os três países, porém, parecem mais preocupados em enviar um recado a Israel diante da violência da guerra. É possível que a decisão também tenha sido pensada para ter algum impacto na eleição europeia de junho, na Espanha e na Irlanda – a Noruega não faz parte da UE.

A guerra de Putin

Biden avalia liberar uso de armas dos EUA em ataques contra Rússia

WASHINGTON

Desde os primeiros envios de armas sofisticadas à Ucrânia, o presidente Joe Biden nunca abriu mão de uma proibição: Volodimir Zelenski teve de concordar em nunca dispará-las em território russo, insistindo que isso poderia provocar uma 3.ª Guerra.

Mas o consenso em torno dessa política acabou. Impulsionado pelo Departamento de Estado, há um debate dentro do governo sobre relaxar a proibição para permitir que os ucranianos atinjam locais de lançamento de mísseis e artilharia do outro lado da fronteira, na Rússia – alvos que, segundo Zelenski, permitiram o avanço territorial de Moscou. A proposta ganhou o apoio

do secretário de Estado, Antony Blinken, após uma visita a Kiev, na semana passada, mas ainda está em estágios iniciais e não está claro quantos assessores próximos de Biden aderiram. Ela ainda não foi formalmente apresentada ao presidente, que tradicionalmente tem sido o mais cauteloso, segundo autoridades.

Escalada
Ordem inicial foi vetar arsenal americano contra Rússia, sob argumento de afastar risco da 3ª Guerra

O porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller, se recusou a comentar o caso. No entanto, autoridades envolvidas nas deliberações disse-

ram que a posição de Blinken mudou porque os russos abriram uma nova frente na guerra, com resultados devastadores.

A Rússia posicionou armas na fronteira e as direcionou para Kharkiv. Em resposta, a Ucrânia tem atacado navios russos, instalações petrolíferas e usinas de eletricidade com drones fabricados no país, que não têm a potência e a velocidade das armas americanas.

Os russos estão acostumados a jogar com as preocupações americanas sobre uma escalada da guerra. Esta semana, começaram exercícios com uso de armas nucleares táticas perto da fronteira. Mas ainda é incerto se Moscou conseguirá dissuadir os EUA. ● NYT

França

Macron viaja para a Nova Caledônia para tentar conter crise separatista

O presidente da França, Emmanuel Macron, viajou ontem para a Nova Caledônia para tentar superar nove dias de tumultos separatistas que deixaram seis mortos. A decisão repentina de voar para o arquipélago no Pacífico é um sinal da gravidade com que Macron vê a violência no território. ●

Disputa global

China impõe sanções a empresas dos EUA ligadas ao setor de Defesa

A China impôs ontem sanções a 12 empresas e 10 executivos americanos do setor de Defesa. Segundo o governo chinês, as medidas foram determinadas em razão da venda de armas a Taiwan e em retaliação a sanções anteriores dos EUA contra empresas da China. ●

Japão

Cidade constrói barreira para impedir turistas de fotografar Monte Fuji

A prefeitura de Fujikawaguchiko, no Japão, construiu uma barreira para bloquear a vista do Monte Fuji. A medida pretende reduzir o número de turistas, que bloqueiam as calçadas, tiram fotos na rua movimentada ou entram nas propriedades em busca do clique perfeito. ●